



## AVALIAÇÃO: A PERSPECTIVA DO DISCENTE

José Nilton Leite de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa tem como porto o posicionamento crítico do aluno universitário em relação à avaliação da aprendizagem. As circunstâncias que giram em torno da avaliação desperta o interesse de vários pesquisadores, não obstante a maioria das pesquisas serem realizadas sob a ótica dos docentes, das instituições de ensino, do governo, dos teóricos e pouco, ou muito pouco tendo o aluno como o ângulo da questão. Avaliar é um ato complexo que tem que ser feito com responsabilidade e comprometimento ético e moral. A busca por respostas para saber como é que o discente vê e entende o processo de avaliação da aprendizagem desenvolveu-se a partir de um estudo bibliográfico entre os mais conceituados teóricos e pesquisadores da contemporaneidade e dados colhidos através de questionário, numa amostra de sessenta universitários de uma instituição de ensino superior, no município de Porto Velho-RO. Após a análise, verificou-se que os alunos compreendem a importância da avaliação e entendem que é fundamental para a aprendizagem. A interação entre os atores desse processo – docente e discente – faz a educação acontecer e o diferencial é o grau de comprometimento do docente. Assumindo esse compromisso faz com que ele pense no que pensa o discente.

**Palavras-chave:** Avaliação. Aprendizagem. Conhecimento

### INTRODUÇÃO

A avaliação é um tema muito discutido. Não é o primeiro nem tão pouco será o último. A complexidade e a importância do tema fazem com que sempre seja motivo de estudo. É um assunto apaixonante por sua profundidade e suas nuances. Está em volta de polêmicas.

Dependendo da ótica, dos conceitos, pré-conceitos e visão de mundo de quem vê, ou de quem está analisando, pode ser tratada de diferentes maneiras.

A avaliação recai sobre vários aspectos: as instituições, as políticas educativas, os professores, os alunos, os programas, a aprendizagem e a própria avaliação. O ponto da investigação nesse trabalho é a avaliação da aprendizagem, dos

---

<sup>1</sup> Graduado em Administração e Contabilidade, Especialista em Controladoria e Gestão Financeira, em Educação a Distância e em Docência do Ensino Superior – jotamil@hotmail.com

processos e produtos, dos métodos, meios e materiais usados e dos resultados obtidos pelos alunos.

Ao longo do tempo a avaliação da aprendizagem vem sendo utilizada como atribuição de nota. Ou uma ferramenta de trabalho do docente e instituição para aprovar ou reprovar o aluno.

A vasta literatura sobre o assunto demonstra o interesse dos educadores e estudiosos pelo tema. Confirma, ainda, a necessidade de se compreender sob um olhar mais abrangente, guiando-os a uma reflexão, ao estudo e ao aprofundamento.

Apesar do grande número de trabalhos sobre a avaliação da aprendizagem a grande maioria aborda vários fatores: as teorias, a metodologia, a avaliação docente, institucional, currículos, mas pouco se vê sobre um dos atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: o aluno.

Portanto, o fito deste trabalho é esquadriñar a avaliação da aprendizagem, mas sob a ótica do discente, investigando o seguinte problema: Como é que o discente universitário vê e entende o processo de avaliação da aprendizagem?

Parte-se da hipótese de que ano após ano de estudos, seguindo o mesmo modelo tradicional de ensino-aprendizagem, o mesmo paradigma de avaliação, o universitário, já amadurecido, considera que a avaliação é um instrumento puramente burocrático, não avalia a aprendizagem, é utilizada como um instrumento de pressão por parte do professor e acredita-se que as técnicas de avaliação preferidas pelos alunos são aquelas consideradas socializantes, ou seja, que dizem respeito às atividades em grupo.

Tem-se como objetivo geral analisar a avaliação da aprendizagem destacando a visão do aluno de nível superior, sendo mais específico, identificar, dentre os métodos usualmente empregados pelos professores para avaliar seus alunos, aqueles que melhor satisfazem os discentes; conhecer o que pensa o universitário quando estabelecida uma relação com a avaliação da aprendizagem; e ainda, verificar as reações dos alunos perante a avaliação da aprendizagem.

Os procedimentos metodológicos adotados foram do tipo descritiva-analítica, dentre os quais utilizou-se a pesquisa bibliográfica, estudando os principais teóricos e pesquisadores contemporâneos, tais como Heraldo Marelim Vianna, Pedro Demo, Charles Hadji, Cipriano Carlos Luckesi, Jussara Hoffmann, Philippe Perrenoud, Celso dos Santos Vasconcelos, Antoni Zabala dentre outros.

No tocante a tipologia da pesquisa, os dados coletados são definidos como dados quantitativos. A utilização do questionário como fonte primária visou investigar a concepção dos alunos sobre a avaliação da aprendizagem. O questionário foi aplicado em universitários de uma faculdade particular, no município de Porto Velho-RO, numa amostra de 60 alunos, sendo trinta e oito alunos do curso de Administração (vinte e dois do 5º período e dezesseis do 8º período) e vinte e dois do curso de Ciências Contábeis. Optou-se por uma amostra entre turmas e cursos diferentes, cujo objetivo era melhor retratar a diversidade do alunado.

O questionário foi composto de quinze questões, dentre elas, perguntas de múltipla escolha e perguntas abertas. Divide-se basicamente em quatro partes bem distintas: **1ª parte** – composta de onze questões, onde a finalidade era indagar sobre as premissas básicas da avaliação (o que avaliar? – para que avaliar? – o que fazer com o resultado da avaliação? – quando avaliar?). A **2ª parte** é composta da questão 12, que tem por fito saber a opinião do aluno (de uma forma mais abrangente) sobre a avaliação da aprendizagem, onde quatorze itens são propostos, sendo um considerado positivo e um negativo. Os itens sugeridos, positivamente e negativamente, estão de acordo com as funções e finalidades da avaliação. **3ª parte** – são duas questões abertas (13ª e 14ª) que tem por finalidade saber qual a imagem que se tem da avaliação. E, na **4ª parte** – busca-se saber quais os principais métodos e modalidades de avaliação que se tornem mais adequados na visão do aluno.

O tratamento dos dados foi manual, convertido em planilha eletrônica e cada parte do questionário analisada separadamente.

## **1 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS SOBRE AVALIAÇÃO**

Apresentamos, de maneira sucinta, os principais teóricos da avaliação e suas contribuições voltadas exclusivamente para os resultados da aprendizagem dos alunos. Os modelos propostos pelos teóricos tratam sobre a maneira como os avaliadores encaram a avaliação ou indicam como devem agir.

### **1.1 O modelo de Tyler**

Ralph Tyler é considerado o pai da avaliação educacional. Sua obra *Basic principles of curriculum and instruction* (Princípios básicos de currículo e ensino) tornou-se um marco na história do currículo e da avaliação.

Até então, a avaliação tinha uma conotação com o ato de medir, ou seja, não havia uma distinção conceitual entre avaliar e medir. Sua proposta surgiu inovadora, com o próprio nome: **avaliação educacional**, no qual definiu a avaliação como sendo uma verificação de objetivos.

O modelo que Tyler propõe é a inclusão de um quarto elemento (avaliação) aos já existentes nos modelos anteriores, quais sejam: estabelecer objetivos, selecionar conteúdos e organizá-los de modo seqüencial.

## 1.2 O modelo de Kirkpatrick

O modelo proposto por Donald L. Kirkpatrick é um dos poucos modelos para a avaliação do aluno existentes atualmente, é bastante utilizado para avaliação, em programas de treinamento presenciais, e define quatro níveis para medir a qualidade e efetividade de um treinamento. São eles: Nível 1 – Reação, Nível 2 – Aprendizado, Nível 3 – Comportamento, Nível 4 – Resultados

Cada nível é importante e tem impacto no nível seguinte. Conforme se avança nos níveis, o processo torna-se mais difícil e trabalhoso, mas também proporciona informações mais valiosas. Nenhum dos níveis deve ser ignorado, por considerar o nível seguinte mais importante.

## 1.3 Taxonomia de Bloom

O trabalho desenvolvido por uma comissão de educadores de diversas universidades dos Estados Unidos, na década de 50, liderada por Benjamin S. Bloom, tinha como atribuição classificar as metas e os objetivos educacionais. O produto resultante dessa pesquisa foi a *Taxonomia dos objetivos educacionais*, mais conhecida como Taxonomia de Bloom.

A Taxonomia de Bloom é a classificação dos tipos de aprendizagem, os quais foram identificados três domínios educativos: o cognitivo, o emocional e o psicomotor. Os domínios subdividem-se em subdomínios. O domínio cognitivo foi implementado em sua totalidade. O segundo parcialmente e o terceiro não foi terminado.

O **Domínio Cognitivo** objetiva enfatizar, lembrar ou reproduzir algo que foi aprendido, ou que envolvem a resolução de alguma atividade intelectual para a qual o indivíduo tem que determinar o problema essencial, então reorganizar o material ou combinar idéias, métodos ou procedimentos previamente aprendidos.

O **Domínio Afetivo** enfoca o sentimento, a emoção ou o grau de aceitação ou rejeição. Tais objetivos são expressos como interesses, atitudes ou valores.

O **Domínio Psicomotor** visa alguma habilidade muscular ou motora.

A idéia central da taxonomia é a classificação hierárquica, do menos para o mais complexo, daquilo que os educadores querem que os alunos saibam. Os Domínios Cognitivos dividem-se em: conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação.

#### **1.4 Avaliação da Aprendizagem**

A origem do termo “avaliar” vem do latim (*valere*), que significa atribuir valor ou mérito ao objeto de estudo. Entre outras interpretações, tem-se a de ser merecedor ou digno de alguma coisa. Portanto, avaliar é atribuir um determinado juízo de valor sobre um processo, a fim de aferir a qualidade e o seu resultado.

A compreensão da avaliação da aprendizagem no processo ensino-aprendizagem tem sido deturpada ao longo do tempo e está pautada pela lógica da mensuração, isto é, está associada ao ato de “medir” os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

O termo avaliação da aprendizagem surgiu na década de 1930, com os estudos promovidos pelo educador norte americano Ralph Tyler, que se dedicou à questão de um ensino que fosse eficiente.

Deve-se pensar avaliação como um processo educacional, utilizando-a como uma ferramenta a fim de qualificar e oferecer subsídios, aos professores e alunos, para um direcionamento ou redimensionamento das ações pedagógicas. Assim, docentes e discentes, têm condições de compreender a realidade escolar na qual estão inseridos, para tomar decisões educacionais, visando o aprimoramento das ações propostas.

#### **1.5 Testar, medir e avaliar**

Testar não é medir e medir não é avaliar. Medir é diferente de avaliar. No princípio utilizava-se como sinônimo de avaliar os termos testar e medir, isso porque a abordagem predominante na época entendia que o conhecimento era acumulado e transmitido para os alunos. Nesta perspectiva avaliar e medir tinham a mesma conotação, ou seja, medir o quanto foi retido da informação transmitida pelo professor.

Na verdade testar, medir e avaliar são diferentes entre si.

Enquanto o *testar* e o *medir* descrevem quantitativamente um aspecto passível de observação, o *avaliar* interpreta esses dados (nota, grau etc.) e julga baseado em critérios, conceitos e padrões aceitáveis.

## 2 METODOLOGIA

A interpretação dos resultados foi realizada a partir da amostra como um todo (60 universitários).

O questionário foi dividido em quatro partes bem distintas: na **1ª parte** a finalidade era indagar sobre as premissas básicas da avaliação.

Nesta fase os dados foram tratados manualmente, tabulados em planilha eletrônica.

Utilizou-se a escala tipo Likert de 5 pontos para mensurar o grau de concordância dos sujeitos que responderam os questionários. Realizou-se a verificação quanto à concordância ou discordância das questões avaliadas, através da obtenção do RM da pontuação atribuída às respostas, relacionando à frequência das respostas dos respondentes.

Para estabelecer o *Ranking* Médio (RM) foi aplicada a média ponderada entre a frequência de respostas para cada afirmação e o grau estabelecido da concordância.

As tabelas apresentam a seguinte legenda: discordância total (DT); discordância parcial (DP); indiferente ou sem opinião (I); concordância parcial (CP); concordância total (CT); *ranking* médio (RM); e quando o dado for rigorosamente zero (Z).

## 3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Os três primeiros quesitos que objetivava respostas para *o que avaliar?*, o RM obtido foi 4,33, representando para essa premissa uma concordância parcial. Cento e cinquenta e sete das cento e oitenta respostas possíveis (três respostas por respondente vezes sessenta), mostraram um grau de concordância bem acentuado, ou seja, em média 87% da amostra (ver tab. 2), concordam de alguma forma que a prova/teste tradicionalmente conhecida, bem como toda atividade realizada em sala de aula deve ser motivo de avaliação.

**TABELA 2**  
**Índice de concordância sobre as premissas básicas da avaliação**

QUESTÃO	DISCORDÂNCIA		INDIFERENTE		CONCORDÂNCIA		
	Qtd	%	Qtd	%	Qtd	%	
1 <sup>a</sup>	14	23	Z	Z	46	77	87
2 <sup>a</sup>	6	10	1	2	53	88	
3 <sup>a</sup>	2	3	Z	Z	58	97	
4 <sup>a</sup>	36	60	Z	Z	24	40	64
5 <sup>a</sup>	15	25	3	5	42	70	
6 <sup>a</sup>	6	10	4	7	50	83	
7 <sup>a</sup>	11	18	1	2	48	80	83
8 <sup>a</sup>	6	10	3	5	51	85	
9 <sup>a</sup>	5	8	1	2	54	90	72
10 <sup>a</sup>	1	2	Z	Z	59	98	
11 <sup>a</sup>	42	70	1	2	17	28	

Fonte: autor

O RM obtido no quesito *para que avaliar?* (questões 4, 5 e 6) foi de 2, 4 e 4, respectivamente.

Nessa proposição, dá para inferir que na perspectiva dos questionados se avalia para verificar o alcance dos objetivos, para acompanhar o pleno desenvolvimento do aluno e não porque o sistema exige uma nota.

As questões de número 7 e 8 (*o que fazer com o resultado da avaliação?*) obtiveram RM de grau 4 – concordância parcial e 82,5% de concordância (ver tab. 2), demonstrando que o resultado da avaliação dá um feedback ao professor e ao aluno e possibilita verificar o que é necessário retomar do programa educacional.

As proposições de número 9, 10 e 11 investigam sobre o momento ideal para aplicar a avaliação (*o quando avaliar?*). Fica claramente comprovado pelos dados tabulados na tb. 2, que o aluno prefere a avaliação contínua em detrimento da global. As questões 9 e 10 sugestionam para uma avaliação contínua e alcançaram os percentuais de 90% e 98%, respectivamente. Enquanto que a avaliação global, associada pela questão 11, obteve 28% da preferência do alunado.

Os itens sugeridos, positivamente e negativamente, estão de acordo com as funções e finalidades da avaliação. Aqui foram separados para melhor interpretação dos dados, conforme tab. 3 e tab. 4.

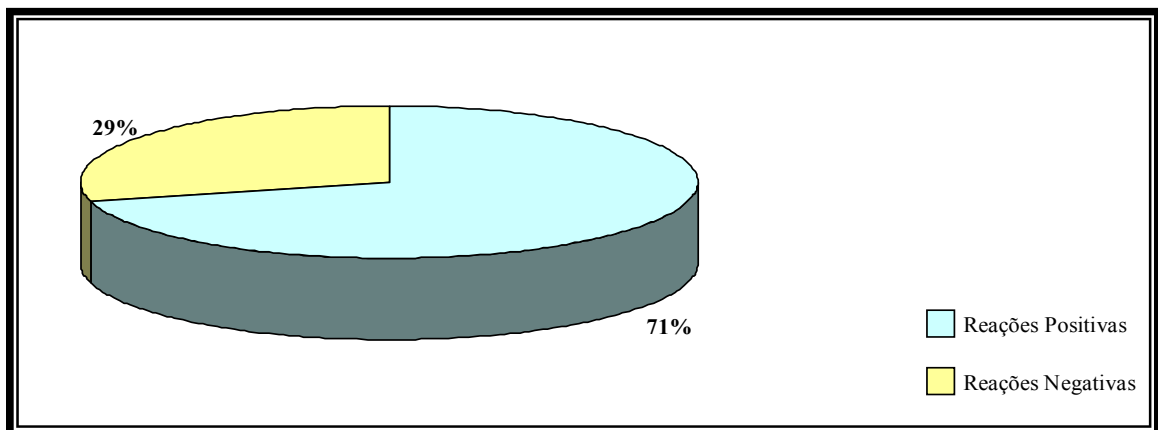
**TABELA 3**  
**Reações positivas a respeito da avaliação da aprendizagem**

REAÇÕES POSITIVAS A RESPEITO DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	FREQUÊNCIA	%
é fundamental para a aprendizagem	25	14,0
serve como um diagnóstico da aprendizagem	23	12,9
possibilita redirecionar meus estudos para os pontos mais fracos	21	11,8
é uma peça que estimula o meu aprimoramento	14	7,9
deve ser contínua	8	4,5
tem a finalidade de fazer uma sondagem de conhecimento e experiências	13	7,3
proporciona um <i>feedback</i> ao professor e ao aluno no processo ensino-aprendizagem	22	12,4

Fonte: autor

Conforme visto na tab. 3, os universitários reconhecem, como reações positivas, que a avaliação é de fundamental importância para o processo ensino-aprendizagem, assim como serve de diagnóstico e realimenta o sistema educacional.

**GRÁFICO 1**  
**Reações positivas e negativas sobre a avaliação da aprendizagem**



Fonte: autor

Ficou comprovado que uma grande parcela do público analisado (71%) tem boas reações quanto à avaliação da aprendizagem, conforme mostra no gráfico 1. Tendo como farol identificar a imagem que se tem da avaliação, a **3ª parte** foi composta de questões abertas e as respostas coletadas (por frequência e porcentagem) foram apresentadas conforme tab. 5.

Respostas como aprendizagem e conhecimento foram consideradas similares e agrupadas na mesma categoria.

O mesmo procedimento foi adotado para tensão, ansiedade, pressão, preocupação e nervosismo. Prova e teste, foram considerados sinônimos, bem como



nota e mensuração. As questões anuladas dizem respeito aquelas que responderam com frases, as que ficaram em branco ou ilegível.

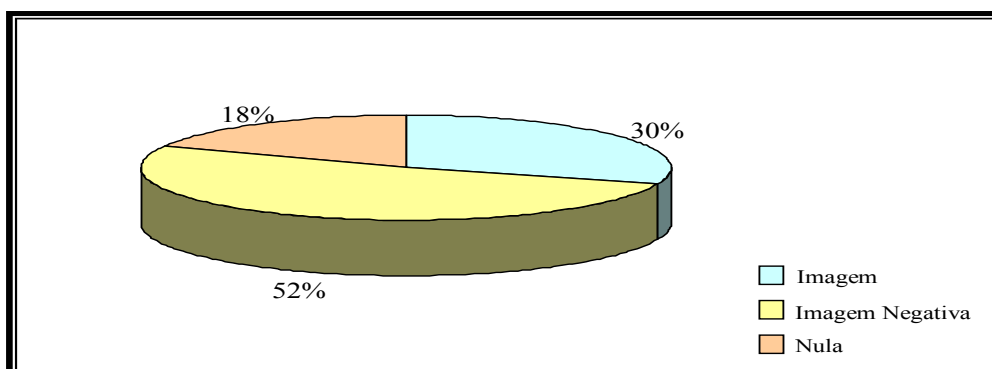
**TABELA 5**  
**Imagem relacionada à avaliação da aprendizagem**

IMAGEM	FREQUÊNCIA	%	% (acumulado)
Aprendizagem	15	25,00	30,00
Aperfeiçoamento	1	1,67	
Estímulo	1	1,67	
Capacidade	1	1,67	
Tensão	9	15,00	51,67
Medo	5	8,33	
Prova	5	8,33	
Nota	3	5,00	
Cola	2	3,33	
Burocracia	1	1,67	
Cobrança	1	1,67	
Decepção	1	1,67	
Feedback	1	1,67	
Incerteza	1	1,67	
Insegurança	1	1,67	
Surpresa	1	1,67	
Anulada	11		18,33

Fonte: autor

A tab. 5 foi dividida em duas partes: uma com respostas favoráveis a avaliação, na ordem de 30% de aceitação; e uma segunda parte com imagens negativas, que alcançou um patamar de aproximadamente 52%. Os outros 18% foram considerados nulos por apresentarem respostas incompatíveis com o que foi solicitado, por não terem respondido ou estar ilegível.

**GRÁFICO 2**  
**Imagem positiva e negativa relacionada à avaliação da aprendizagem**



Fonte: autor

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise dos resultados da pesquisa pôde-se chegar a algumas conclusões:

a) a hipótese primária, que afirmava que, a avaliação é um instrumento puramente burocrático, não avalia a aprendizagem e é utilizada como um instrumento de pressão por parte do professor, foi refutada integralmente.

b) parcialmente refutou-se a hipótese secundária que sustentava que as técnicas de avaliação preferidas pelos alunos eram aquelas que dizem respeito às atividades em grupo, as ditas socializantes.

c) O aluno reconhece a importância da avaliação, que é constatado nas reações positivas do gráfico 1, porém a imagem que se tem dela é negativa. Isso é profundo e complexo.

d) Na concepção do aluno, toda atividade realizada em sala de aula deve ser motivo de avaliação, sendo continuamente observado em detrimento da avaliação global.

e) Os estudantes entendem que, a nota em si só não representa o conhecimento, mas de alguma forma, a avaliação retrata o aprendizado, o acompanhamento dos assuntos ministrados em sala de aula e que pode ser um instrumento útil para seu aperfeiçoamento.

No percurso da educação, a aprendizagem é socializante. A interação entre os atores desse processo – docente e discente – faz a educação acontecer e o diferencial é o grau de comprometimento do docente, assumindo esse compromisso faz com que ele pense no que pensa o discente.

## REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. **Mitologias da avaliação**: de como ignorar, em vez de enfrentar problemas. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Avaliação qualitativa**. 7. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2002b.

DEPRESBITERIS, Lea. **O desafio da avaliação da aprendizagem**: dos fundamentos a uma proposta inovadora. São Paulo: EPU, 1989.

Haidt, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

HOFFMANN, Jusara. **Avaliação: mito e desafio, uma perspectiva construtivista**. 36ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Entrevista publicada na Folha Dirigida**, Rio de Janeiro, Edição nº 1069, de 06/10/2006, no caderno “Aprender”, pág. 9. Disponível em: <[http://www.luckesi.com.br/textos/entrevista\\_folha\\_dirigida\\_outubro2006.pdf](http://www.luckesi.com.br/textos/entrevista_folha_dirigida_outubro2006.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2016.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação: novos tempos, novas práticas**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

VIANNA, Heraldo Marelím. **Avaliação educacional e o avaliador**. São Paulo: IBRASA, 2000.